

(2001) **GENUÍNO MADRUGA, O MUNDO QUE EU VI.**  
PONTA DELGADA, VER AÇOR.

Catarina Menezes de Azevedo – Escola Secundária Manuel de Arriaga.

Na infância sonhamos muitas vezes com lugares distantes e viagens intermináveis, embalados pelas ondas e pelo vento. A maior parte de nós cresce e esconde esses sonhos no mais recôndito do seu ser, outros, como Genuíno Madruga, transformam esses sonhos na sua identidade. Nascer numa ilha não é inócuo, marca a alma e os desejos, e viver num porto de abrigo, que se fez cruzamento de tantas rotas, empurra-nos para a vontade de conhecer o outro, de o querer compreender, sem a limitação de muros e montanhas que afligem os que vivem num continente.

Genuíno Madruga não foge a esta regra e entre o Pico e o Faial se desenharam os seus dias e os encontros com aqueles que viriam a decidir a sua vida: de um lado, os navegadores, do outro, os pescadores, nele se uniram ambos num só, que os homens do mar não obedecem a nenhuma hierarquia, reencontram-se nos saberes e na espera paciente, seja ela pelo peixe ou pelo vento de feição.

*O Mundo que eu vi* começa pelo essencial: o barco, que, na sua vida, é, antes do mais, o resultado do próprio sonho, do pequeno barco feito pelas suas próprias mãos, com tábuas a muito custo adquiridas, àquele em

que o sonho maior se concretiza e se torna real, o “Hemingway”, homenagem simples àquele que, melhor que ninguém, relatou a luta entre o homem e o mar, o homem e o peixe, o homem e a sua própria vontade.

Para perceber o homem que, sozinho, atravessa os mares e circunda o globo, não uma, mas duas vezes, é preciso que nos debrucemos sobre o rapazinho que sonhava com plainas e pregos, que gastava as madrugadas e os tempos livres para que o barco, o seu barco, se tonasse real, o mesmo menino que se revia no seu pai e na



curiosidade incessante das coisas e cuja persistência se fez no homem em que se tornou, do miúdo, que se debruçava sobre o peixe imenso que parecia não poder içar, ao homem, que mais tarde se faz pescador e que, navegando por todos os mares, faz da faina o sustento e não a labuta, complemento indissociável que tão bem descreve, vai um traço, umas poucas linhas neste livro.

Ler *O Mundo que eu vi* é também partilhar o seu entusiasmo, cruzarmos-nos com aqueles que o marcaram, como Marcel Bardiaux, que desafiando o tempo e as limitações da idade, se via, antes do mais, como sendo aquele que sulcava o mar, partilhando o que sentia e o que tinha experienciado, conversas infundáveis que, juntando a cartas náuticas e outros, foram o desenhar dos caminhos que Genuíno depois trilhou.

Para ele, partir não é tanto uma questão de meios, embora estes sejam indispensáveis, mas antes de escolhas, entre uma vida estável, ancorada a terra e a uma casa, ou uma vida ritmada pelo mar e pela ausência. Não é uma escolha fácil, que se tome de ânimo leve, implica-nos a nós, mas também aos que nos rodeiam, os que ficam como aqueles com que nos cruzamos.

Genuíno escolheu partir, deixando aqueles que não podem ou não conseguem fazer o mesmo. No cais, a famí-

lia, os amigos, aqueles que, como Dias de Melo, companheiro e conterrâneo, ficam.

O escritor, em palavras sábias, traduziu o sentimento destes que são o esteio desta aventura:

“Nasci para o mar. Tal como tu. Por razões que não vêm para aqui, o meu destino falhou. (...) Limito-me, com estes teus amigos, a dizer-te adeus... a ver-te partir e, com lágrimas nos olhos, por ser o marinheiro que teve de ficar em terra, a ver-te desaparecer na linha do horizonte.”

Partamos então nesta viagem que tão poucos fizeram – há que lembrar que, nem que fosse por isso, este livro já seria um marco –, não mais de um punhado de homens se podem gabar de fazer parte desta confraria restrita dos circum-navegadores e ainda menos se podem gabar de o ter feito mais de uma vez, clube exclusivo onde a adesão é paga em solitárias noites longas e perigos.

Este é um livro que não requer idade para ser lido, podemos limitar-nos a ver as fotografias e deixar os dedos deslizar pela rota desenhada ao longo do globo, podemos ler apenas as descrições dos destinos que mais nos cativam ou aquelas em que se faz mais pescador que navegador e nos explica a paciência da isco no anzol, o aparelho que se desfaz num peixe maior, o peixe fresco tão desejado que se faz conserva ou salmoura à falta de

melhor. Ou, meninos habitados por outros sonhos – de Robinson Crusoe à baleia branca de Melville –, podemos ler cada detalhe, pensando como gostaríamos de estar ali, de também nós entrarmos pelo atol ou ouvirmos o vento nos brandais esticados.

Não se pense porém que *O Mundo que eu vi* é um livro de aventuras, descrevendo romanticamente a luta contra os elementos, antes um relato do quotidiano, uma autobiografia que se desenrola como um fio de pesca, alicerçada naquilo que melhor o define, o mar, a pesca, a solidão povoada de vozes amigas, o desvendar do mundo que Camões retratou.

*O Mundo que eu vi* é um retrato daqueles que conheceu e dos que reencontrou após a primeira viagem, dos meninos de Cabo Verde feitos pescadores, a todos aqueles que, nos confins do mundo, continuam a manter vivo o nome de Portugal.

Seguimos Genuíno do Pico a Cabo Verde e ao Brasil, na rota dos que nos são irmãos, no Uruguai e na Argentina, sulcando as ondas até dobrar o Cabo Horn, contemplando Ushuaia e os canais da Patagónia, os glaciares, neve eterna e gelo que desmorona no silêncio da noite, como se sentíssemos o soprar de todos os que naufragaram nestes mares gelados, as mãos presas ao leme por uma vontade maior, a sombra de Bardiaux conduzindo-lhe os passos (“Vinte cinco

dias de difícil e penosa navegação, frio glacial, chuva gelada, granizo, ventos fortes e contrários, uma humidade de gelar os ossos, mar por vezes tempestuoso, ondas enormes, que não perdoariam o menor descuido (...) lugares inóspitos de beleza fascinante, montanhas de pedra e sítios com vegetação muito própria, aves que por desconhecerem o bicho homem se abeiravam em sua observação (...)”) Seguimo-lo no Chile, mirando os *Moais*, gigantescos guardiões da ilha de Páscoa, e revivendo, nas Marquesas, a presença inefável de Jacques Brel que aqui escolheu findar a sua vida, como antes o fizera o ilustre Gauguin, as noites embaladas pelo sopro das suas canções.

Seguimo-lo, sentindo-nos nós também como os viajantes que reencontram o navegador que por ali passou, curioso, observando as mudanças e os costumes, da Samoa a Darwin a daí até Díli, Timor revivido pela fraternidade e na lembrança do horror, o cemitério de Santa Cruz que deu a conhecer uma causa ao mundo e o abraço amigo que o acolheu.

Da ilha Rodrigues guardamos a memória da primeira viagem, o mastro partido que parece anunciar o fim da viagem, o concerto a adivinhar-se impossível e a penosa viagem até Durban, onde o “Hemingway” retomaria a sua integridade.

Seguimo-lo no seu périplo pela África

do Sul e até à ilha de Santa Helena, último exílio de Napoleão, e daí de novo até ao Brasil e à terra amada, os seus Açores cujo nome ajudou a divulgar por todos esses portos por onde passou.

Não tem Genuíno o pejo de se fazer guia turístico nem comentador, antes apenas escrever o relato do que viu,

por isso este é um livro difícil de classificar, uma autobiografia que é uma iconografia, um livro de memórias que se quer um diário de bordo, entrecortado pela presença de uma viagem anterior, uma homenagem aos seus e à sua terra, antes do mais um testemunho do que, na realização do seu sonho, viu. CATARINA AZEVEDO